

## UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM HISTÓRIA: REFLEXÕES.

Aline Ferreira ANTUNES

**Resumo:**

Este relato foi desenvolvido durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II na Universidade Federal de Uberlândia, dentro do curso de Licenciatura e Bacharelado em História, sob supervisão e orientação das professoras responsáveis pela disciplina. Também acompanhou e orientou o estágio foi o professor da Escola de Educação Básica da UFU, que me recebeu durante o ano de 2013. O estágio foi realizado com uma turma de 6º ano. Neste texto, relatamos a experiência de participação da autora durante dois semestres de atividades na escola, enquanto estagiária na área de História, com foco no debate teórico sobre plano de aula e avaliação, abordando o tema do ensino sobre os povos indígenas da região de Uberlândia.

**Palavras-chave:** estágio em História, plano de aula, avaliação.

**Abstract:**

This was an article developed during the course of II Supervised Stage at the Federal University of Uberlândia, within the course of History, under the supervision and guidance of the teachers responsible for the discipline as well as the monitoring and supervision of professor of the Escola de Educação Básica da UFU – ESEBA, who received me in the year of 2013. This stage was conducted with a group of 6th grade and seeks an experience report on the participation of the author during two semesters of school activities as an intern in the field of history, focusing on the debate on theoretical lesson and assessment plan, addressing the topic of education on indigenous peoples in the region of Uberlândia.

**Keywords:** History stage, lesson plan, evaluation.

### Introdução

Este é um relato desenvolvido a partir da experiência de estágio docente realizado na Disciplina Estágio Supervisionado II (estágio de regência) do curso de Licenciatura e Bacharelado em História/ UFU. É uma proposta de um texto reflexivo a respeito de nossas experiências no estágio de licenciatura e, por isso, é um texto que busca articular a discussão teórica acerca da educação e do ensino com a experiência desenvolvida na escola, porém evidenciando mais esta última.

Este texto não se refere somente ao estágio II, que engloba a regência, mas também ao estágio I, que é somente de observação, da escola e das aulas, pois ambos foram realizados na mesma escola e na mesma classe, com o mesmo professor, sob perspectivas aproximadas: no colégio de aplicação da UFU: Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, ESEBA/ UFU, na turma do 6º ano. Foi feito o acompanhamento das atividades do professor de história desta turma por dois semestres seguidos. O foco, no entanto, é a regência, visando uma abordagem do planejamento à

execução do plano de aula e também uma reflexão sobre o que foi produzido pelos(as) estudantes durante as aulas de História ministradas, em uma abordagem sobre os *povos indígenas no Brasil* e posteriormente na *região do Triângulo Mineiro, especificamente na cidade de Uberlândia*. Isto é, partindo de uma visão macro para a micro.

Primeiramente é preciso afirmar que tal estágio e tais atividades (aulas e também a avaliação feita com os alunos) só foram possíveis por meio de meses de convivência com esta turma, especificamente, durante o ano letivo de 2013, do apoio do professor de História da turma e da orientação das professoras da Universidade. Bem como pelas possibilidades de trabalho que esta escola em específico aponta: o professor, por ser dedicação exclusiva em regime de 40 horas pôde acompanhar todo o trabalho de preparo das aulas, bem como de execução, o que, talvez, não poderia ser possível em outra realidade escolar.

### **Retrospectiva: primeiro contato com a escola enquanto estagiária.**

A escola é um local de conhecimento. Resta-nos problematizarmos qual conhecimento estamos reproduzindo ou criando. Arroyo (2011) questiona: qual a relação entre o conhecimento e a experiência social? Para este autor, as experiências de estudantes e professores são de extrema importância e devem ser levadas em consideração, inclusive para a elaboração dos currículos.

Sendo assim, o conhecimento social, os docentes e os alunos, devem ser sujeitos de suas ações e da escola, não podem ser ausentes. Para ele, estes sujeitos têm que se mostrar enquanto atores, sujeitos do conhecimento, de história e de experiências, porque são humanos.

A partir desta reflexão sobre como devem ser tratados os alunos (como atores sociais), procurei fazer um trabalho que considerasse esses alunos de acordo com o

papel social que eles aí desempenham: alunos que apresentam problemas de disciplina, porém que são participativos e conseguem fazer reflexões, em termos históricos, minuciosas.

Uma diferença que pode notar, na área de História, é que muitos alunos, na ESEBA, conseguem perceber a historicidade dos conceitos, o processo, e questionam sobre isto em qualquer matéria que estejam aprendendo (pré-história ou a chegada dos portugueses no Brasil) e se posicionam frente a isto, diferente de outras escolas que pude ter contato durante outros estágios e também durante o desenvolvimento do projeto PIBID<sup>6</sup>, nas quais os alunos aceitam a lógica da causa-efeito para os fatos históricos sem questionamento.

A ESEBA é uma escola que data de 1977 e inicialmente atendia somente aos filhos de servidores da Universidade de Uberlândia, mas a partir de 1988 passou a atender alunos da cidade toda mediante sorteio para ingresso (considerado uma maneira mais democrática de atender as solicitações de matrícula da cidade de Uberlândia) e não somente aos filhos de professores.

É uma escola de aplicação da Universidade Federal de Uberlândia, localizada em uma área central da cidade, e possui algumas particularidades que interferem diretamente em sua qualidade: com professores que continuam a formação docente (fazem mestrado, doutorado), são concursados, formados na área em que atuam e dedicação exclusiva. Tudo isto, somado aos recursos do governo federal, ao atendimento que a escola tem para pais, professores e alunos, propicia uma realidade diferente da educação que temos instituída no restante da cidade, sobretudo se compararmos com a rede estadual.

---

<sup>6</sup> Programa Institucional de bolsas de iniciação à docência – PIBID, do qual participei durante dois anos (de 2011 a 2013) como bolsista.

A escola atende alunos do Ensino Fundamental, totalizando 918 alunos, com 40 salas e também 122 profissionais entre docentes e técnicos, caracterizando um ambiente diverso e abrangente, com diferentes sujeitos sociais convivendo cotidianamente. O prédio que ocupa possui quatro andares, com laboratórios de todas as áreas do conhecimento, bem como um anfiteatro, onde está localizada a rádio ESEBA Ativa da qual participei da criação e funcionamento durante o ano de 2007 juntamente com a professora responsável pelo projeto e um grupo de alunos.

Pensando neste espaço, procurei fazer uma abordagem não tão engessada na teoria sobre educação, plano de aula e avaliação, mas evidenciando a experiência nas aulas de história, dando destaque a esta ESEBA enquanto um local que mescla classes, etnias, raças e gêneros diversos e as observações das aulas de História, do ponto de vista de uma ex-aluna e estagiária. O foco, neste sentido é minha experiência pessoal, que fundamenta este trabalho.

A partir do planejamento do 6º ano, podemos perceber que há uma preocupação com os conceitos tais como o de tempo e temporalidades, sociedade, história, fato histórico, fontes históricas, permanência, mudanças/transformações, processo, e diferentes interpretações da história, pensando a atuação dos seres humanos no tempo e no espaço. Essa preocupação com as temporalidades está presente nas aulas do professor da turma, que procura fazer um caminho lógico entre os conteúdos para que os alunos percebam a história como movimento e não estática. Esta é uma das principais preocupações hoje no curso de formação em licenciatura e bacharelado em História na UFU: perceber a História como um movimento e não como uma relação de causa-efeito, teleológica. Foi possível perceber essa desconstrução nas aulas do professor da ESEBA o que muito influenciou no planejamento de aulas para esta turma: preocupar em não

passar a ideia de história como uma ciência que estuda somente o passado e que tem uma relação teleológica entre os fatos.

Entre os meses de outubro a dezembro de 2013 realizei meu estágio II com a turma do 6º ano C (em continuidade ao semestre anterior), composta por 27 alunos, pensando nas maneiras possíveis de abordar o conteúdo escolhido em consonância com a matéria explicada pelo professor e também de acordo com a realidade daquela turma: uma classe com alunos amadurecidos e ao mesmo tempo com alunos que apresentam dificuldades básicas de escrita, de fala, de articulação de pensamento, porém que, se tiverem oportunidade, participam e conseguem estabelecer uma linha de raciocínio que faça lógica.

Muitas das observações feitas neste segundo semestre de atividades são continuidade do estágio I, haja vista que a turma e a escola já eram conhecidas, bem como o professor e seu método. E isto faz uma diferença positiva ao elaborar minhas aulas, bem como minha avaliação, pois permite distinguir o que é possível e a maneira de se trabalhar o tema escolhido, o que talvez não pudesse ser feito em uma turma que não consegue participar de uma roda de conversa, por exemplo. Que não participam ou então que não possibilitam o debate, a discussão. Trago o exemplo da roda de conversa, pois esta foi a primeira atividade realizada com os alunos para que eles trouxessem suas ideias primeiras sobre os povos indígenas, aquilo que eles conhecem<sup>7</sup>.

Como tive um bom relacionamento com o professor de história, em termos de liberdade de escolha do tema e de metodologia, e como temos uma compreensão semelhante de como devemos desenvolver a disciplina de História em sala de aula, foi possível a elaboração de um plano de aula que fosse condizente com a turma, que

---

<sup>7</sup> Em várias discussões e em diversas disciplinas, sobretudo relacionadas ao ensino de História, no curso de graduação, pude perceber a necessidade de se dar voz aos alunos, deixar que eles participem, fazer com que eles se interajam com o assunto da aula e com que expressem o conhecimento prévio que já trazem de fora do ambiente escolar. Foi o que procurei fazer durante as aulas ministradas.

pudesse ser continuidade do trabalho desenvolvido pelo próprio professor e que pudesse ser interrompido e complementado por ele em quaisquer momentos. Neste sentido, destaco que, no meu trajeto para elaboração e aplicação do plano de aula, a participação e orientação dele foram essenciais, bem como das professoras da Universidade com apoio teórico sobre metodologia, ensino de História e também sobre o tema específico da aula a ser trabalhada.

### **Planejar é preciso: reflexões sobre plano de aula.**

O meu trabalho de planejamento das aulas ministradas foi fruto de um processo de estudo sobre como planejar, a partir das leituras de Vasconcellos (2000), e também com pesquisas específicas sobre o tema a ser abordado: os índios habitantes da região do Triângulo Mineiro e de Uberlândia especificamente.

Para Vasconcellos (2000) “planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto; é buscar fazer algo incrível, essencialmente humano: o real ser comandado pelo ideal”. (VASCONCELLOS, 2000, p. 35). É ser o agente, sujeito de sua própria ação, mas também é estar aberto ao trabalho coletivo, pois o trabalho do professor não é nem essencialmente individual, nem essencialmente coletivo, mas requer um equilíbrio de ambos. É preciso ter em mente que é uma ação transformadora e que precisa ser trabalhada em conjunto, deve ser feita coletivamente.

Acredito que o fato de meu planejamento para as aulas ter sido elaborado coletivamente com o professor da turma e as professoras orientadoras de estágio II, muito contribuiu para uma melhor aplicação dele. As aulas foram fruto de uma experiência coletiva de planejamento pensando naquela sala de aula especificamente.

Não podemos nos esquecer de que no planejamento deve haver relação entre elaboração e realização; entre realidade e finalidade; entre todos seus passos para que

haja uma maior probabilidade de “sair tudo conforme o planejado”, mas, mesmo assim, haverá momentos de imprevistos e o professor deve também prever alguns destes.

Nas aulas ministradas, a participação dos alunos foi tão intensa que foi preciso redimensionar a distribuição de atividades. Além disso, temas que pensamos que eles teriam dificuldade em lidar, já estavam claros para a turma, já era um assunto “batido”, como por exemplo, o fato da nomenclatura “índios” para designar tantas etnias diferentes ser algo restrito.

O planejamento, assim como o movimento dialético, é um processo contínuo, dinâmico e sujeito a reelaboração, contradições. É um processo de reflexões, decisões, prática e acompanhamento (ou avaliação processual e contínua); é preciso pensarmos que a avaliação também é um processo e significa um *feedback* do aluno. Foi o que procurei fazer com a atividade proposta para o final do conteúdo: por meio delas perceber como os alunos refletiram sobre os diversos assuntos tratados.

Tive em mente alguns elementos fundamentais para organizar as aulas, tais como, o que ensinar, como, como acompanhar, como organizar a coletividade na sala de aula e, tudo isto sem perder o foco da turma para a qual estamos pensando esta(s) aula(s).<sup>8</sup>

O objetivo do planejar é possibilitar um trabalho mais significativo e transformador, por isso é necessário, conforme Vasconcellos aponta (2000), planejar pensando em uma análise da realidade, ter claros os objetivos, a metodologia, uma proposta de conteúdo, os recursos didáticos (e paradidáticos), o tempo, a avaliação, as tarefas. O professor precisa focar no que ele possui de real, de concreto e não pensando

---

<sup>8</sup> No caso deste estágio pude perceber que o mesmo assunto, para ser trabalhado em turmas do ensino médio, por exemplo, ou então em outra escola ou até mesmo outra sala na própria ESEBA, mas que tenha uma realidade diferente, precisa sofrer uma modificação. É preciso que se leve em consideração sempre, quando se está planejando, a realidade que a escola oferece para que a ideia da aula não destoe do que será posto em prática.

no ideal, pois assim é possível o redimensionamento do plano de aula, como foi necessário nesta experiência.

### **Do planejamento à ação.**

Após o planejamento das aulas, passamos à aplicação delas. No estágio II foi possível trabalhar durante três aulas com os alunos do 6º ano, conforme a disposição do professor, que teve total liberdade para complementar a discussão, conversar com os alunos e interagir com o tema em pauta.

De uma maneira geral, pensamos um plano de aula que visasse o respeito aos povos indígenas, a percepção da existência destes ainda no presente e também as lutas travadas pelos movimentos para a garantia da própria convivência com a sociedade dita “civilizada”, e não a formação de “pequenos historiadores”, especialistas em análise de uma determinada fonte histórica. Isto somente foi possível por meio de amplas pesquisas sobre o tema e também dos dois semestres de convivência com estes alunos e com o professor, do estreitamento de laços e da observação dos mesmos, da escola, de onde estão e de como se dá a relação entre os próprios alunos e o professor de História.

Para pensar o plano de aula também foi importante definir qual seria o tema da aula, juntamente com o professor da turma, bem como metodologia, tempo, materiais a serem utilizados, entre outros fatores. Optamos por uma abordagem do ensino *sobre os índios brasileiros* para depois focarmos na *região de Uberlândia*. E um último passo, não menos trabalhoso, foi propor o conteúdo, a partir de estudos prévios, bem como propor uma atividade avaliativa aos alunos.

Nossa primeira reflexão foi sobre qual a realidade para a qual estamos pensando estas aulas, quem são estes alunos, o que pretendemos com este conteúdo. Assim, o tema recortado foi sobre os caiapós, povos que habitavam a região de Uberlândia e de

uma forma mais abrangente, os tupis-guaranis, a fim de cumprir com um dos conteúdos para o 6º ano (disponíveis para análise no CBC – Currículo Básico Comum de Minas Gerais)<sup>9</sup>.

Partimos do pressuposto de que, para a compreensão da aula, os alunos devem ter domínio da linguagem escrita, reconhecimento da cultura indígena, conhecimento sobre os primeiros contatos entre a Europa e a América, e sobre a chegada dos portugueses no Brasil (assuntos que foram trabalhados pelo professor da turma em aulas anteriores e que foram retomados na primeira aula, em uma roda de conversa, para dar o “gancho” para o conteúdo).

De acordo com Circe Bittencourt (2009), “um dos objetivos centrais do ensino de história, na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na constituição de identidades” (BITTENCOURT, 2009, p. 121). Neste sentido, é de grande importância estudar e compreender a existência e participação do indígena na região de Uberlândia, e procurar levar os alunos a conhecerem esse grupo social, sua importância e sua participação na sociedade atualmente, na construção da identidade do povo brasileiro (historicamente construída – portanto deve ser contextualizada e problematizada).

O objetivo do desenvolvimento do meu plano de aula foi o de trabalhar para que os alunos, por meio do conhecimento desses povos, possam reconhecê-los não como uma **unidade**, mas sim como povos com culturas e características diferentes, que participaram como **agentes históricos** desde o período colonial no país, legando sua cultura e com isso, respeitá-los, e entender que eles não foram totalmente dizimados, que vivem até hoje e lutam arduamente em busca de seus direitos e reconhecimento. Que há uma continuidade na história dos povos indígenas brasileiros.

---

<sup>9</sup> MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Conteúdo Básico Comum - CBC. **Conteúdos Básicos Curriculares de História do Ensino Fundamental**. Belo Horizonte: SEE, 2005.

A partir de todas as reflexões que nos auxiliaram no desenvolvimento do trabalho, foram ministradas três aulas visando, na primeira, perceber o que os alunos pensam sobre os povos indígenas, identificar o que já vem construído sobre os indígenas no imaginário deles, na qual eles puderam trazer alguns objetos e pesquisas informais sobre os povos indígenas (como um tema geral)<sup>10</sup>. Também aproveitei a dinâmica para fazer uma introdução sobre a temática da disciplina e iniciar uma explicação breve sobre os índios caiapós de forma geral, para em outro momento abordar sobre a região de Uberlândia.

Na segunda aula foi realizada uma abordagem mais específica sobre os índios Caiapós na região de Uberlândia, após a exposição sobre eles em outros lugares do país e após a explicação (feita na aula anterior) de que havia (e ainda há) povos diferentes no país à época da colonização; também comentamos sobre os povos tupi-guarani para que os alunos tivessem conhecimento de uma cultura indígena diferente da dos antigos habitantes da região do Triângulo Mineiro e percebessem a diversidade de etnias.

Durante as aulas procurei dar destaque à diversas fontes históricas e diversos documentos que pudessem ser trabalhados com os alunos para perceber a maneira como o assunto aparece nos diversos objetos de investigação histórica, como por exemplo, gráficos, mapas, imagens, bem como músicas e poesias.

Por fim os alunos fizeram uma avaliação do conteúdo (redação) que deveria ser concluída em casa e entregue na aula seguinte. A partir dela, é possível, acredito, uma autocrítica das aulas, e esta é uma parte importante do trabalho de um professor: perceber seus limites e como se deu seu trabalho, ter um *feedback*.

---

<sup>10</sup> Baseada em autores tais como Jorn Rüsen que propus tal dinâmica haja vista que é preciso considerarmos a noosfera dos alunos, isto é, aquilo que eles carregam que foi cultural e socialmente aprendido e apreendido e não somente que ensinado na escola.

A avaliação proposta foi de que os alunos fizessem uma redação sobre o tema abordado nas aulas. A maioria dos alunos que entregaram, conseguiram fazer um texto que fosse condizente com o conteúdo das aulas. Muitos foram criativos e fizeram poemas, história em quadrinhos, entrevistas imaginadas, uma vez que o gênero do texto era de livre escolha.

Neste poema da aluna J.L.<sup>11</sup> lemos:

“Os índios até então

Na floresta viverão

Felizes e contentes

Proclamavam as suas vidas

Sem guerra, e com a mente,

Até que um dia

Pessoas estranhas vieram

E nas suas vidas

Um estrago fizeram

Mataram, roubaram e escravizaram [sic]

Trataram os índios como animais

Sem pensar que quem seria prejudicado

Seria a nação deles

Pois sem cultura, sem nada

Como viverá o homem na mata?

Os índios são exemplos de força e coragem

Pois os portugueses só podiam estar de sacanagem

E o que vale mil vidas

---

<sup>11</sup> Optei por não colocar o nome de estudantes, para não identificá-los(as) e por considerar esta uma maneira mais ética de abordar as produções deles.

Sendo que por dentro já estão todas mortas...”<sup>12</sup>

A aluna conseguiu fazer um paralelo passado-presente ao abordar o extermínio dos povos indígenas como uma das razões para atualmente termos um *gap* na nossa cultura. Ela também foi bastante criativa ao elaborar um poema que dissesse o que foi trabalhado nas aulas sobre a escravização dos índios, por exemplo. Além disso, seu texto possui coerência e coesão (diferente de alguns textos de outros alunos) e poucos erros de português, o que observei ser um problema praticamente geral na turma: os textos apresentam muitos problemas de acentuação aguda: todos os acentos agudos não são colocados, mas o til (~) e o circunflexo (^) aparecem.

Apesar de termos alguns textos bem elaborados, alguns alunos fizeram muita confusão com os tempos históricos ou com os conteúdos, uma verdadeira “salada histórica”. No texto do aluno P. P. percebemos algumas confusões de informações, inclusive de tempos históricos:

“A colonização do Brasil.

Certo dia os portugueses, vieram para o Brasil, tentando descobrir outras terras, eles chegara, olharam, ficaram estranhados, então eles mandaram uma carta para Dom Pedro II, dizendo que tinha encontro uma terra estranha, junto, eles acharam pessoas desconhecidas, eles pediram se podiam fazer deles deles [sic] escravos, junto dos africanos, então foi aí que começou a colonização apois [sic] esta carta, mais barcos com os africanos, nisso os índios que moravam aqui se sentiram ameaçados, alguns morreram, outros se renderam, e alguns fugiram, eles começaram a construir, colher, cozinhar, fazer tarefas domésticas, etc, os bandeirantes (pessoas que procuravam índios fugidos) iam ao interior do Brasil para procurar-los [sic], eles comiam feijão tropeiro

---

<sup>12</sup> Texto reproduzido na íntegra e sem correções gramaticais.

que os feijão cozido, farinha e linguiça fatiada, os índios faziam quilombos, onde eles ficavam juntos e se escondiam.”

Para o aluno o Brasil foi colonizado à época de Dom Pedro II, ele ainda comenta sobre os bandeirantes e sobre os hábitos indígenas sem conseguir distinguir as diferenças temporais. O aluno consegue perceber diversos conteúdos que foram abordados ao longo do 6º ano, os identifica no texto, porém não percebe a historicidade: ele mistura os tempos, os sujeitos históricos e os fatos. Apesar disto, sua participação em sala de aula é sempre atuante e o mesmo também apresenta em seu texto conhecimentos noosféricos<sup>13</sup> (conceito adotado a partir de Yves Chevallard<sup>14</sup>), isto é, trazidos de casa, do convívio social e não somente históricos.

A avaliação em forma de redação foi pensada para, primeiramente ter contato com o pensamento dos alunos (de forma livre haja vista que eles puderam escolher a maneira de escrita) e perceber de que forma eles compreenderam o conteúdo. Além disso, também possibilita o desenvolvimento da escrita, que parece muito precária (em termos gramaticais, de acentuação, coerência e coesão textual) em muitos casos.

### **Considerações finais:**

Fazer todas estas observações, para uma ex-aluna da ESEBA e também uma ex-bolsista PIBID é muito difícil uma vez que neste projeto foram necessários dois anos para amadurecer ideias sobre a escola: analisar todos os âmbitos da escola é algo complexo e que requer tempo contínuo de permanência na escola e também dedicação e convívio. Neste sentido, acredito que somente dois semestres de observação de aulas e

---

<sup>13</sup> Isto é, aquilo que diz respeito a tudo que o aluno possui de conhecimento prévio, que não seja o adquirido na escola, mas por meio da mídia, da tradição, da cultura, da família.

<sup>14</sup> RÜSEN, Jörn. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. (Orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

do espaço físico da escola não são suficientes para uma análise tão minuciosa deste ambiente, mesmo para uma ex-aluna, porém, é um começo para a formação em licenciatura, sobretudo quando os dois estágios<sup>15</sup> são realizados na mesma escola e turma, com acompanhamento do mesmo professor de História. Por outro lado, acredito que a possibilidade de retornar à ESEBA enquanto estagiária me permitiu reviver muitas coisas sob o ponto de vista de professora e não mais de aluna.

A ESEBA é um espaço que abarca inúmeros sujeitos sociais com suas particularidades, e possui um diferencial: é uma escola federal que, portanto, recebe recursos federais, que os professores são admitidos mediante um processo seletivo de concurso, que uma vez efetivados tem a possibilidade de uma remuneração melhor em relação aos professores do âmbito municipal ou estadual, que possuem também uma melhor condição de trabalho: sala separada por área do conhecimento, laboratórios de ensino, apoio psicopedagógico, além do regime de contrato ser de dedicação exclusiva, o que propicia um planejamento melhor para as aulas, uma participação mais efetiva na vida escolar e no relacionamento família, alunos, corpo docente e administrativo. O fato de acompanhar a turma, as aulas de história durante um bom tempo, foi possível graças a este espaço que é a Escola de Educação Básica da UFU.

Foi possível observar isto na interação com os alunos e com o próprio professor. A presença da estagiária na sala aos poucos foi deixando de ser um estranhamento para ser algo normal e comum. Quando isto acontece, é possível estreitamento de laços com os alunos, bem como o desenvolvimento das atividades, que como quaisquer aulas reais (e não de um plano de ação) estão sujeitas à interrupções, falhas e dificuldades, o que demanda do professor uma flexibilidade para lidar com a situação.

---

<sup>15</sup> No curso de História da UFU os dois primeiros estágios da grade curricular devem ser realizados em escolas de ensino fundamental, sendo o primeiro de observação e o segundo de observação e regência. A maioria da turma de estágio da UFU não conseguiu manter a escola do estágio I também no estágio II o que descaracteriza o **processo** de formação na licenciatura em História, como foi o caso aqui relatado.

Assim seguimos pensando sobre a importância de planejar, avaliar, que no sentido original significa voltar atrás, ver de novo, buscar novos caminhos, para construir uma prática educativa comprometida com a aprendizagem de todas as crianças, que busque a transformação social, ou seja, uma prática que parta do real, do que existe, mas trabalha pelo vir a ser, que é uma escola boa para todos(as), com foco na transforma-ção.

### **Referências bibliográficas:**

ANTUNES, A. F.; PANIAGO, F. C. **Ensino de História sobre os povos indígenas brasileiros:** uma abordagem em torno da Lei 11.645/08. Disponível em: [https://docs.google.com/file/d/0B84fQrM3\\_lzzMUtXT0VGM082dzQ/edit?pli=1](https://docs.google.com/file/d/0B84fQrM3_lzzMUtXT0VGM082dzQ/edit?pli=1)  
Acesso em: 17 fev. 2014.

ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa.** Petrópolis: Vozes, 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional:** lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** História. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação fundamental, 1998.  
**educativas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FONSECA, MARÍLIA. É possível articular o projeto político-pedagógico e o plano de desenvolvimento da escola? Reflexões sobre a reforma do Estado e a gestão da escola básica. In: FERREIRA, E. B.; OLIVEIRA, D. A. (Orgs.). **Crise da escola e políticas educativas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Conteúdo Básico Comum - CBC. **Conteúdos Básicos Curriculares de História do Ensino Fundamental.** Belo Horizonte: SEE, 2005.

RÜSEN, Jörn. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. (Orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de história.** Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento:** projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. São Paulo: Libertad, 2000.

VICENTINO, Cláudio. **Projeto Radix**: história, 6º ano. São Paulo: Scipione, 2009